



Formação arborecentes de azereiro  
*inus lusitanica* L. subsp.  
lusitanica  
p  
Arborecent  
(Pr  
A priorit

No âmbito de u  
Serra do Morad  
Guia Botânico da r  
saídas de campo  
caracterizaçã  
espécies. No sítio da f  
do Orvalho, conside  
água da Beira Baixa,  
comunidade de a  
Dado o interesse con  
nível europeu, efetu  
além disso, efetuamos  
taxonómicas e mo  
bem como de alg

Palavras-  
biodiversidade ve

RESUMO  
ntamento sobre a flora da  
intuito de se publicar um  
, foram efetuadas diversas  
nte o ano de 2015 – para  
ntificação e localização de  
la Água de Alto, freguesia  
ma das maiores quedas de  
ficou-se uma significativa  
s, vestígios da Laurissilva.  
ionista destas formações a  
a sua caracterização. Para  
nas abordagens históricas,  
icas do *Prunus lusitanica*,  
jetos da sua propagação e  
utilizações mais comuns.  
Azereiro, conservação da  
espécie autóctone, *Prunus  
sitânica*, Serra do Moradal

S. Ribeiro  
Centro de Investigação  
em Agronomia,  
Alimentos, Ambiente  
e Paisagem (LEAF -  
Linking Landscape,  
Environment,  
Agriculture and Food).  
Instituto Superior  
de Agronomia.  
Lisboa. Portugal;  
Instituto de Ciências  
Agrárias e Ambientais  
Mediterrânicas  
(ICAAM). Universidade  
de Évora. Portugal  
silvia.sbenedita@  
gmail.com

F. Delgado  
Escola Superior Agrária.  
Instituto Politécnico  
de Castelo Branco.  
Portugal.  
CERNAS/IPCB, Centro  
de Recursos Naturais,  
Ambiente e Sociedade  
/ Instituto Politécnico  
de Castelo Branco.  
Portugal  
fdelgado@ipcb.pt

L. Azevedo  
IEF. Instituto de  
Estudos Filosóficos.  
Faculdade de Letras  
da Universidade de  
Coimbra. Portugal

## Abstract

As part of a survey of the flora of Serra do Moradal in order to publish a botanical guide, during the year 2015 several field trips were made in order to characterize, identify and locate plant species. During the field work, vestiges of Laurissilva were found in the site of Fraga da Água de Alto, Freguesia of Orvalho (considered as the largest water fall in Beira Baixa) and we have identified a significant community of Portuguese laurel cherry. Thus, the characterization of the formations of *Prunus lusitanica* was made, considering its conservation interest at European level. Furthermore, we made some historical characterization, taxonomic and morphological approaches of *Prunus lusitanica*, as well as some aspects of its propagation and most common uses.

**Key Words:** Portuguese laurel cherry, conservation of plant biodiversity, indigenous species, *Prunus lusitanica*, Serra do Moradal

No âmbito de um estudo sobre a flora da Serra do Moradal, proposto pela Associação Recreativa dos Amigos da Cardosa e patrocinado pelas Juntas de Freguesia abrangidas pelo seu território (Sarnadas de São Simão, Estreito, Vilar Barroco e Orvalho), foram efetuados vários levantamentos de campo. Nestes levantamentos destacaram-se as formações arbóreas de *Prunus lusitanica* que ocorrem no sítio da Fraga de Água de Alto considerada uma das maiores quedas de água da Beira Baixa (Rodrigues *et al.* 2009), localizado na freguesia do Orvalho, no concelho de Oleiros. Estas formações, pela sua raridade e originalidade mereceram atenção particular em um estudo já publicado (Ribeiro *et al.*, 2015). O estudo (que agora atualizamos) destaca alguns aspetos importantes para que estas formações sejam alvo de uma progressiva consciencialização dos agentes da comunidade e do poder local.

Os azereirais constituem formações arbóreas dominadas por azereiro (*Prunus lusitanica* L. subsp. *lusitanica*), vulgarmente conhecido por gingeira-brava ou loureiro-de-portugal.

O interesse conservacionista destas formações está reconhecido na Directiva 92/43/CE (EC, 2007), também conhecida por Directiva Habitats, na qual têm correspondência com um habitat prioritário para conservação em contexto europeu. Este habitat prioritário tem a designação "Matagais arbóreas de *Laurus nobilis*" na referida Directiva.

Segundo Muñoz Garmendia e Navarro (1998), a sua distribuição está confinada ao SW de França, Península Ibérica e Marrocos. É uma espécie reliquia da Laurissilva, isto é, da floresta que se desenvolvia até há cerca de 20 milhões de anos, nos períodos Miocénico e Pliocénico da Época Terciária, cujo clima era próximo dos atuais climas subtropicais. As glaciações ocorridas no Quaternário condicionaram as espécies mais exigentes em humidade e menos resistentes ao frio (Beltrán, 2006). Assim, ocorreu a quase extinção da Laurissilva, bem como o empobrecimento da sua diversidade florística (Labajos e Blanco, 1992).

O azereiro é uma espécie reliquia dominante nos azereirais, os quais estão residualmente dispersos pelo Norte e Centro de Portugal. Estas formações, que são uma raridade em Portugal, refugiaram-se em vales encaixados e sombrios, ocupando também as margens de cursos de água em substratos siliciosos.

As características originais destas formações, bem como a sua distribuição geográfica restrita, captaram a atenção de diversos autores ao longo do tempo (e.g. Rivas Goday 1941, Ladero 1976, Costa *et al.* 2000 e Sérgio *et al.* 2001).

No entanto, as notícias da existência de formosos bosques de azereiros nas margens do Zêzere - rio que, segundo vários autores, emprestou o nome a esta planta - remonta pelo menos ao século XVII: *E he tudo quasi huma pedra, mas por entre ellas infinitas verduras diversas, muitas parras, que dellas se dependurão; loureiros, dragoeiros, castanhos, sovaros, carvalhos, azinhos e outros muitos; e o notável zenzeiro, arvore a quem o rio deu nome, por se criar nelle grande e copado, e de folhas muito verdes de feição de louro, cujas flores são brancas, e de feição de cacho de uvas em flor, mas de tão admirável fragância de cheiro suavissimo, que por grande espaço de sua circunferencia, e ao redor se está meixerando entre o arvoredo* (Andrada, 1867). A descrição deste azereiral nas fragas da margem direita do Zêzere, perto de Pedrógão Grande, foi publicada por Miguel Leitão Andrade no ano de 1627. Mas também existem testemunhos, até épocas mais recentes, de grandes manchas arbóreas de azereiros na margem esquerda do rio, no território do actual concelho de Oleiros, em particular na mata de Álvaro (ADCB, 1840).

Foi em *Species Plantarum*, obra publicada por *Linnaeus* (1753), que o *Prunus lusitanica* foi cientificamente descrito pela primeira vez. A espécie foi descrita a partir de plantas colhidas em Portugal, e por isso o seu restritivo específico é *lusitanica*. Por outro lado, Lusitânia era o nome romano para uma parte do actual território português (aproximadamente Centro e Sul).

A mais recente descrição das características morfológicas do azereiro pode ser consultada na publicação de Muñoz Garmendia e Navarro (1998). O azereiro tem folhagem perene, pode ter porte arbustivo ou formar uma árvore que pode atingir 10 metros, com um tronco de casca lisa, castanho-escuro. As folhas são alternas, ovais, variam entre 7 a 15 cm de comprimento e 2,5 a 6 cm de largura, são lustrosas, coriáceas, glabras, acuminadas e com margem geralmente crenada (Fig. 1). Floresce de Maio a Junho, excepcionalmente em Julho e as suas flores são brancas, têm 5 pétalas de reduzidas dimensões e agrupam-se em cimeiras racemiformes com um comprimento que pode variar de 8 a 28 cm, no final da Primavera ou no início do Verão (Fig. 2). O fruto é uma drupa, ovoide, com 8 a 13 mm de diâmetro, verde ou vermelho-esverdeado de início, tornando-se negro-purpúreo ou negro na maturidade.



Fig. 1 - Aspecto geral das folhas de azereiro (Ribeiro, S. 2015)



Fig. 2 - Aspecto geral das inflorescências de azereiro (Ribeiro, S. 2015)

O azereiro é utilizado como elemento decorativo em jardins e espaços verdes em especial devido à beleza das suas flores exuberantes e da sua folhagem perene e brilhante. Para preservação da biodiversidade pode ser efetuada a sua propagação por via seminal sendo este o método mais utilizado e com êxito em viveiro (Labajos e Blanco, 1992). Uma alternativa à propagação sexuada, ou por semente, é a sua propagação por estacas terminais que, segundo Ribeiro e Antunes (1997) diminui o período de juvenilidade das plantas, requerendo, porém, a utilização de auxinas, para uma percentagem de enraizamento, após 3 meses de 70%. Esta técnica também permite a obtenção de plantas para serem utilizadas fora do seu habitat natural, no qual devem ser preservadas.

Esta espécie, ao contrário de outras do mesmo género, não possui utilizações de âmbito medicinal, aromático ou comestível, sendo de referir que o seu fruto é amargo e pode ser tóxico. No entanto, a sua madeira de cor rosa muito vivo e de fibras finas, tem sido muito utilizada em construção de móveis de madeiras preciosas, conhecido pela técnica da *ebanisteria* (López González, 2004) e Labajos e Blanco (1992) indicam o fabrico de bengalas da sua madeira em Portugal. Estes últimos autores referem, ainda, utilizações veterinárias na região de Ávila (Espanha) onde os pastores usam a casca do tronco como agente anti-pulidico e no combate à picada de cobra no gado.

Sendo estas formações raras, não só em contexto nacional mas também europeu, é de elevada importância promover a sua preservação e dar a conhecer o valor científico, ecológico e a biodiversidade que lhe está associada.

Para melhor compreensão dos termos botânicos apresenta-se um pequeno glossário cujos termos seguiram principalmente os conceitos de Fernandes (1972).

## Glossário botânico

- Acuminado** - Que termina em ponta geralmente fina e alongada.
- Cimeira** - Inflorescência com o eixo principal de crescimento definido, terminando numa flor; as primeiras flores a abrir encontram-se no topo da inflorescência ou no centro de um aglomerado de flores.
- Crenada** - Provida de recortes arredondados convexos na margem.
- Drupa** - Fruto carnudo e indeiscente com uma (ou mais) semente (s), incluída (s) num só caroço lenhoso ou ósseo (ou cada semente em seu caroço independente).

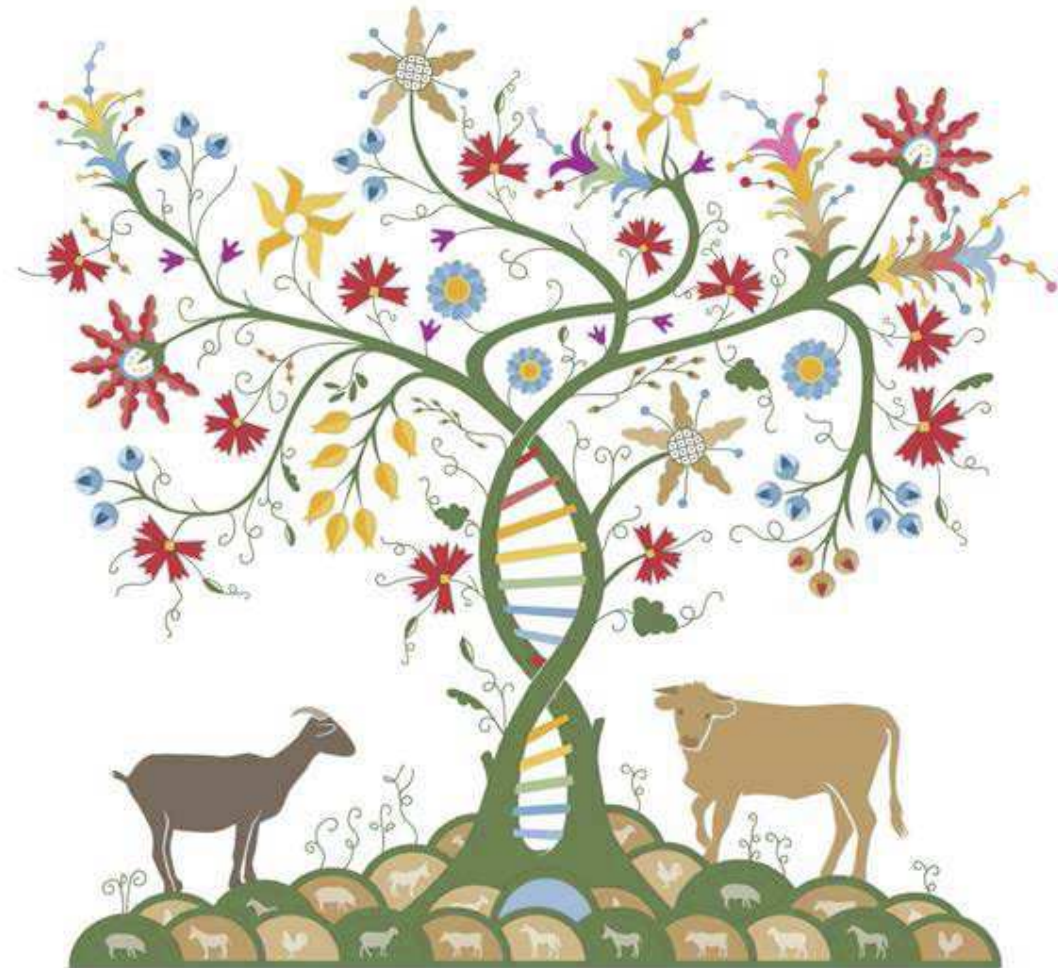
Limbo - Parte larga das folhas.  
Racemiforme - Que se dispõe em cacho

### Referências bibliográficas

ADCB, Fundo da Câmara Municipal de Oleiros, Livro dos bens do Concelho, 1840, fl.2:  
Andrada, Miguel Leitão, Miscelanea. Reedição da 2ª edição de 1867 (1627), INCM, Lisboa, 2012, 2, p.9.  
Beltrán, R.S. 2006. Distribución y autoecología de *Prunus lusitánica* L. en la Península Ibérica. Investigación Agraria: Sistema de Recursos Forestales Fuera de série: 187-198.  
Costa, J.C., Lopes, M.C., Capelo, J. e Lousã 2000. Sintaxonomia das comunidades de *Prunus lusitánica* subsp. *lusitánica* no ocidente da Península Ibérica. *Silva Lusitana* 8(2): 253-263.  
EC (European Commission) 2007. The interpretation manual of European Union habitats - EUR27. Brussels: European Commission DG Environment. [http://ec.europa.eu/environment/nature/legislation/habitatsdirective/docs/2007\\_07\\_im.pdf](http://ec.europa.eu/environment/nature/legislation/habitatsdirective/docs/2007_07_im.pdf).  
Fernandes, R. 1972. Glossário de termos botânicos. Anuário a Sociedade de Broteriana, 38: 181-292.  
Labajos L. e Blanco E. 1992. Los últimos loros de flora ibérica. *Quercus* 12: 10-15.

Ladero Álvarez, M. 1976. *Prunus lusitánica* L. (Rosaceae) en la Península Ibérica. *Anales del Instituto Botánico Cavanilles* 33: 207-218.  
Linnaeus, C. 1753. *Species Plantarum*. <http://www.gutenberg.org/etext/20771>  
López González, G. 2004. Guia de los árboles y arbustos de la Península Ibérica y Baleares. 2ª edición. Ediciones Mundi-Prensa. Madrid.  
Muñoz Garmendia F. e Navarro C., (Eds.). 1998. *Flora Iberica. Plantas vasculares de la Península Ibérica e Islas Baleares*. Vol. 6. Real Jardín Botánico. CSIC. Madrid.  
Ribeiro M.M, e Antunes M.A. 1997. Enraizamento de estacas de azereiro (*Prunus lusitánica* L. ssp. *lusitánica*) após realização de ferida e aplicação de auxina. I Congresso Florestal Hispano-Luso, 21-27 June. Pamplona. 3: 527-532.  
Ribeiro, S, Delgado, F e Azevedo, L. 2015. Os bosques de azereiro (*Prunus lusitánica* L. subsp. *lusitánica*) no concelho de Oleiros. *Cardo. Boletim Cultural e Informativo*. 7:21-24.  
Rivas Goday. S. 1941. Habitación y área del laurel-cerezo. *Boletín de Información del Consejo de Farmacéuticos*, núm. 45. Madrid.  
Rodrigues, J., Neto de Carvalho, C. e Metodiev, D. 2009. Património geológico da Serra de Moradal (Oleiros): Inventarição, certezas e potencialidades geoturísticas. *Açaça on line*, n.º 2. Associação e estudos do Alto Tejo. [www.alto.tejo.org](http://www.alto.tejo.org).  
Sérgio, C., Matas, R. M., Bruguês, M. e Garcia 2001. A brioflora de enclaves com *Prunus lusitánica* L. no Parque Natural da Serra da Estrela. *Boletín de la Sociedad Española de Briología* (18-19): 5-10. ISSN 1132-8029.

# X CONGRESSO IBÉRICO sobre RECURSOS GENÉTICOS ANIMAIS



Sociedade Portuguesa  
de Recursos Genéticos Animais  
[sprega.pt@gmail.com](mailto:sprega.pt@gmail.com)  
[www.sprega.com.pt](http://www.sprega.com.pt)

